

← morrer fazem-no sem tanta hesitação. Isso fascina-me, seduz-me e enternece-me.

A cumplicidade entre as duas amigas, as conversas, a maneira como encaram a vida são dos momentos mais divertidos deste livro.

Aqueles diálogos surgiram-me como se elas estivessem diante de mim e eu tomasse apenas nota. Tive alguns ataques de riso. Ficava estupefacto com a gestão das personagens que se me impunha. Sobretudo porque as piadas que elas iam dizendo surgiam-me como anedotas que me estavam a contar e que eu não conhecia.

Em termos formais, queria fazer um diálogo sem qualquer interrupção durante duas ou três páginas. Queria que, em última análise, algumas das coisas pudessem ser atribuídas a uma ou a outra indistintamente. Não interessava descobrir qual delas poderia dizer tal coisa, mas criar uma tonalidade, uma força em cada uma das personagens, que permitisse ao leitor mais atento ter poucas dúvidas sobre quem é que diz o quê. A personalidade delas é tão vinculada que vamos percebendo.

Não contava que o livro fosse cómico. Estava expectante: quando entregasse o livro à minha editora, Maria do Rosário Pedreira, o que ela me diria? valter hugo mãe em versão engraçada? Mas será possível?!

São mulheres do povo, falam de maneira específica. Nos seus outros romances as personagens também parecem sair das entranhas da terra. De onde é que isso lhe surge?

Cresci muito calado. O que me entretinha eram as conversas dos outros. Fui guardando personagens dentro da cabeça, tonalidades. Aquilo que mais me impressiona tem que ver com as pessoas mais simples, que aparentemente parecem menos dotadas para a luta da vida e que vistas de perto são as mais resistentes.

Vivo na parte piscatória de Vila do Conde, nas Caxinas, o espaço mais agreste [ver reportagem nestas páginas]. Vivo lá desde os 9 anos e ali as pessoas são endurecidas. Quem não os entende acha que são más pessoas, mal-educados ou brutos. Há quem tenha medo. Vistos de perto são pessoas impressionantes porque são rochedos humanos. Perdem familiares no mar. Há gente que perde marido e filhos num ano. Ficam sozinhas e sobrevivem com um mutismo, uma dignidade impressionante. Continuam a sair à rua, a lavar-se, a pentear-se. Vestem um preto integral, não se vê outra cor no corpo, assistem às missas, compram o pão, param cinco minutos a conversar seja com quem for, existe uma profundidade na imagem dessas mulheres que me impressiona.

As conversas delas são entre o desajeitado e o importante. Procuram maneiras de explicar as coisas mais insondáveis e inexplicáveis e nessa →

“Tenho uma concepção estranha da morte; acho que é a nossa grande oportunidade. Se não for a morte que nos leva a algum lugar absolutamente incrível, não vai ser rigorosamente mais nada”

FOTOGRAFIAS DE MANUEL ROBERTO

Os livros dele sa

Mesmo quando está em Bragança, valter hugo mãe está nas Caxinas. É o sítio em

Maciel e Gina do Pião molhando os pés;Dores Arteiro, “criada no meio do peixe” (ao lado, à direita); medalhão de Deolinda de Jesus, que veste de preto e anda com a fotografia do marido ao peito (em baixo)

valter hugo mãe está em Bragança, a 250 quilómetros das Caxinas, neste livro em que uma mulher, Maria da Graça, põe gotas de lixívia na sopa do marido quando ele se senta para jantar, à cabeceira da mesa (mas isso não o mata: engorda-o). Nós estamos nas Caxinas, a 250 quilómetros de Bragança, quando nos sentamos para ler este livro: podemos ter a cabeça em Bragança, mas temos de ter o corpo nas Caxinas para ver as coisas que valter hugo mãe vê. Temos de ter o corpo nas Caxinas para achar que as portas do céu hão-de ser este sítio barulhento em que se vendem “souvenirs” da vida na terra com os braços no ar, como quem vende peixe fresco (para achar que as portas do céu hão-de se parecer tanto com o mercado das Caxinas). É o primeiro sítio onde procuramos a Maria da Graça - e é o primeiro sítio onde a encontramos, mas não o último. Vamos encontrá-la em todo o lado. “o apocalipse dos trabalhadores” saiu-lhe do corpo - e ela saiu do corpo das mulheres das Caxinas.

Deolinda de Jesus, a “Rubina” (tem alcunha, como muitos dos 17 mil habitantes deste núcleo piscatório que estatisticamente nunca existiu: as Caxinas são um lugar de Vila do Conde, não têm identidade administrativa própria), também se sentou à cabeceira da mesa sozinha, com os oito filhos (“Os oito filhos vivos, também tive sete que não se contam, abortos. No hospital, em casa, em qualquer lado. Mas não era nada de malfazejo, acontecia”), nos anos em que o marido “andava no bacalhau” (quando chegava do bacalhau tinham filhos: “Era uma viagem sim, uma viagem não. Eles vinham com saudades, nós saudades tínhamos, para que havia de ser? Tinha de ser assim mesmo”). Teve uma vida dessas que havia muito nas Caxinas, de uma pobreza violenta e mulheres a gritar em noites de Inverno, depois de mais um barco afundado (a pobreza já não tem a mesma violência mas os naufrágios têm: “Quando morreu um homem no mar, as pessoas daqui fazem-se uma. Uma morte no mar nunca é a mesma coisa que uma morte em terra”, explica-nos mais tarde o padre Domingos, pároco das Caxinas, que ainda há ano e meio fez os funerais dos seis pescadores do “Luz do Sameiro”). “Agora sou peixeira, mas fiz de tudo: vendi sardinha, andei na seca do bacalhau, no sargaço, a apanhar lenha - e ao mexilhão e aos percebes, para matar a fome. Em solteira levei uma vida terrível. A minha mãe era pescadeira e o meu pai era pescador, comecei a trabalhar muito cedo, fiquei analfabeta. E depois de casada também passei muitas tristezas, quando ele embarcava e eu sabia que era para passar cinco ou seis meses fora. Mas nisso as coisas não mudaram assim tanto, que as minhas noras também ficam muito tempo sozinhas. O meu mais velho anda a governar um barco de espadarte e o outro anda à sardinha. Mas tenho uma



Mulheres de preto a fazer croché à porta de casa, a estender roupa no baldio em frente à praia, a falar mal dos homens: podíamos andar dias e dias pelas Caxinas e não ver mais nada

filha que é técnica do coração no hospital”, diz Deolinda. O marido dela, que chegou a ser presidente do Sindicato dos Pescadores, já morreu mas não foi no mar. Ela veste de preto dos pés à cabeça e anda com a fotografia dele ao peito, num cordão de ouro. Podia não lhe passar muito tempo em casa, mas passou-lhe muito tempo na vida.

Eles no mar, elas em terra
Por saírem muito, por saírem por muito tempo, os homens nunca chegam a ocupar lugar nas Caxinas: eles mandam no mar, mas elas mandam em terra, e às vezes, à força de fazerem tantas coisas sozinhas, esquecem-se que eles existem (apesar das fotografias ao peito). Há qualquer coisa a mais naquela sala de jantar em que Maria da Graça põe gotas de lixívia na sopa do marido quando ele se senta

